



POR
MARÍLIA KODICK

É jornalista cultural
e ama livros



POESIA É COISA SERÍSSIMA

ESTE TEXTO ERA ORIGINALMENTE sobre um livro que trata do fantasma do cancelamento na criação artística contemporânea, tema envolvente e atual. Porém, tive que abandoná-lo depois que a autora chamou de fascista o ato de se buscar tradutores afrodescendentes para escritores afrodescendentes, problematizou o fato de não haver mesas literárias destacando autores europeus como há de latino-americanos e afirmou que nunca se foi tão livre quanto sob a ocupação alemã. Há coisas que não é possível relativizar.

A segunda tentativa de livro-tema foi mais bem-sucedida, uma análise de como a vergonha é uma poderosa ferramenta de lucro e controle que pode levar alguém a comprar uma esteira, fazer uma rinoplastia ou pagar por um curso inútil. Mas a realidade é que eu já não estava no estado de espírito para digerir dados econômicos e pesquisas científicas. Olhei então para o lado, peguei um bonito livro de poesia que havia acabado de chegar e abri numa página qualquer. “Todos os extremos devem ser tocados. Um corpo acaba em seus próprios dedos.”

Algo acendeu em mim. Aquela subjetividade fez mais sentido do que qualquer lógica poderia. Vale a ressalva: estou no sétimo mês de gravidez (pacote no qual vem de brinde compulsório uma grande sinusidade hormonal) e há momentos em que só a intangibilidade da poesia dá conta da realidade. Todos os extremos devem ser tocados. Pensei que é isso o que acontece na poesia e na gestação.

Tento debater aqui mensalmente assuntos sérios. Nenhum dos 16 poemas de Katia Marchese no recém-lançado *Herbário da Memória* (Quelônio, 60 págs.; R\$ 62) traz informações objetivas sobre a decolonização na arte, as armadilhas do patriarcado ou o aumento dos transtornos de ansiedade. Mas poesia também é coisa seríssima.

Não há estudo de laboratório, pesquisa jornalística ou análise algorítmica que provoque sinapses tais como as que ocorrem ao ler versos como “Tudo espelha arrebenção. Como segurar um céu que está caindo?”, ou “Não fossem os vestígios das torções e algumas falhas, o pousar do pássaro acreditaria na eternidade”. A poesia é o gênero literário capaz de fazer florescer ideias simultaneamente absurdas e totalmente coerentes, que partem do poeta com uma ressonância emocional universal e pousam em nós como um recado milimetricamente personalizado. “Uma semente se desveste”, escreve Marchese, que nunca me conheceu, sem dúvida alguma se referindo ao meu filho.

Eu poderia tentar explorar a intersecção de seus versos com a crise ambiental, fazer ligações entre os temas abordados e a biografia da autora ou trazer para o racional ideias abstratas como a de que ela aborda questões botânicas em ritmo vegetal. Mas talvez a melhor síntese que posso fazer desse livro seja mais simples: ele nos recorda de que também somos natureza.

Lembro do neurologista Oliver Sacks, professor, psiquiatra e autor de best-sellers como *Tempo de Despertar*, sobre o caso em que curou pacientes que estavam havia décadas em letargia e que virou filme com Robert de Niro e Robin Williams. Um homem da ciência, dos dados, dos fatos. Mas que, quando questionado sobre o que estava fazendo deitado no jardim por horas, respondeu: “Estou pensando em como é ser uma rosa”. ■